

Vontade política decide

JÚLIO DE MESQUITA NETO, DIRETOR RESPONSÁVEL DO ESTADO.

Quando penso na América Latina, não posso deixar de recordar o que era ela quando minha família recuperou o jornal que havia sido tomado *manu militari* pela ditadura Vargas. O Brasil caminhava para a tentativa de estabelecer uma prática democrática, mas os nomes que freqüentavam as páginas do noticiário internacional de **O Estado** não sugeriam um futuro alegre para os povos. Perón, Estenssoro, Batista, Somoza, Trujillo. Pertenciam àquela geração que se convencionou chamar de militares oligárquicos, por defenderem os interesses das oligarquias que haviam infelicitado a América Latina. Se se pode falar de um militarismo oligárquico, deve-se falar do nacionalismo oligárquico, uma ideologia colocada a serviço daqueles que fizeram do nacionalismo, do fechamento das fronteiras aos fluxos e influxos do mundo moderno, a defesa de seus interesses — cartoriais, como dizemos hoje, ou oligárquicos, como se dizia em passado recente.

Não foi a condenada divisão internacional do trabalho que condenou nosso País à situação a que chegamos. Foi,



Clóvis Ferreira/AE

Júlio: populismo estatizante.

antes, a visão que os ditadores e muitos governantes eleitos tinham do processo econômico nacional e internacional, a aliança entre o governo e os interesses corporativos que impediu o desenvolvimento. O populismo estatizante, um fato político e não econômico, afastou boa parte da América Latina dos fluxos internacionais de capital, a partir de uma visão estreita do que fosse o interesse nacional.

Hoje, há países da América Latina em que se dá uma reversão de expectativas, e ao desafio representado pela falência do Estado e pela crise da falta de capitais responde-se com vontade política. No

Brasil, com acertos e erros, com maior ou menor velocidade, essa vontade política de conformar o Estado às novas realidades, que são antigas em muitos países, vai se impondo. Com todas as restrições que faço ao governo do presidente Collor, enquanto responsável pela orientação de **O Estado**, não posso deixar de reconhecer que suas propostas vão no caminho correto. Encontram, infelizmente, a resistência de boa parte da classe política representada no Congresso, no qual se espelham os ideais do nacional-oligarquismo e do populismo estatizante.

De qualquer maneira caminha-se na América Latina, naqueles países onde existe a vontade política de caminhar. Venezuela e Peru são, assim o esperamos, casos isolados na América Latina. Não desconheço os percalços econômicos. Seria avestruz se o fizesse, e confesso não ter vocação para ver areia por todos os lados. Insisto, porém, em que, havendo vontade política e o respaldo da população em torno de um programa, será possível vencer as dificuldades internas e mesmo externas.